

**BRASA IX - Tulane University, New Orleans, Louisiana, 27-29 March 2008**

**“BRASILEIROS NO SUL DA FLÓRIDA: SUBJETIVIDADE E IMAGINÁRIO DE BRASIL  
E ESTADOS UNIDOS”**

**Valéria Barbosa de Magalhães**

**SINOPSE:** Histórias de brasileiros no Sul da Flórida contam-nos dramas daqueles que buscam uma segunda chance fora do Brasil. Seus relatos de vida revelam situações mais diversificadas do que imaginávamos a respeito de nossa imigração. A resposta para a pergunta “por que os brasileiros emigram?” está na combinação das dimensões político-econômica e subjetiva. A segunda, claramente presente nas narrativas de vida. Imigrar nunca é uma opção fácil e exige justificativas sobre o “abandono” do país. Admitir circunstâncias íntimas para tal decisão é por demais penoso. A segunda chance tem sido a “gota d’água” na definição de tais escolhas. O imaginário de Brasil idílico e instável e de Estados Unidos como terra das oportunidades e de povo frio sustenta justificativas objetivas e legítima a imigração, alimentando uma “saudade crônica” do Brasil. Em função da culpa por emigrar, os relatos privilegiam tais argumentos, subjugando aqueles subjetivos.

**ABSTRACT:**

**PALAVRAS-CHAVE:** história oral, brasileiros nos Estados Unidos, imigração.

O objetivo da presente comunicação é propor uma reflexão sobre a construção de um imaginário acerca dos países de origem e de destino pelo imigrante brasileiro no Sul da Flórida. Supõe-se que o mesmo seja construído a partir de um privilégio das oposições presentes em nossa memória coletiva. Tal proposta será discutida a partir da subjetividade presente em histórias de vida coletadas durante meu doutorado<sup>1</sup>.

As histórias de vida dos brasileiros no Sul da Flórida são recheadas de sensações a respeito dos diversos momentos da imigração, seja a saída do Brasil, a chegada na Flórida, a permanência e ou o retorno. Cada situação evoca lembranças que se traduzem em emoções. As narrativas, como forma de construção do eu e expressão de uma memória coletiva, encontram seu ponto central nos sentimentos que evocam.

A produção da história oral provoca e reflete diferentes emoções que variam de narrador para narrador. Observá-las significa entender como cada sujeito reage àquilo que é compartilhado com o coletivo. Os sentimentos enquanto forma de experiência afetiva revelam os efeitos que a realidade imprime nos indivíduos, já que “afetividade, emoções, características individuais, repressões e intenções são, de acordo com Halbwachs, aspectos que poderiam ser compreendidos apenas em relação às determinações sociais”<sup>2</sup>.

Os sentimentos revelados nas narrativas dos entrevistados em meu trabalho de doutorado (saudades, depressão, decepção com os Estados Unidos e com os brasileiros, realização pessoal, mágoa com os familiares, frustrações de mulheres que não se realizaram no exterior) são expressão de uma memória coletiva do país deixado para trás e dos efeitos das mudanças subjetivas ocorridas com a saída do Brasil.

Assim, saudade é substantivo freqüente em todos os relatos. Sente-se falta da família, dos amigos, da comida e de um Brasil, mais imaginado do que real, criado pelos próprios brasileiros no Sul da Flórida. A saudade crônica que alimenta expectativas de retorno, fixa seus alicerces sobre um imaginário positivo do país de origem que alivia a culpa pela emigração.

Nesse imaginário representado pelas lembranças, a chegada aos Estados Unidos compõe o tempo de maior dificuldade na vida do imigrante e é recordada como o período em que a saudade mais apertou. Não ter documentos é impedimento para visitas à terra natal, acentuando sofrimentos. A esse respeito, José relata seu pesar quanto à ausência da família:

*No começo, eu sentia bastante saudades e não queria chorar por conta das dificuldades que*

---

<sup>1</sup> MAGALHÃES, Valéria B. O Brasil no Sul da Flórida: Subjetividade, Identidade e Memória. São Paulo: Departamento de História Social da Universidade de São Paulo, 2006. (Tese de Doutorado). A pesquisa foi baseada em 40 histórias de vida coletadas entre 2002 e 2004 nos condados de Miami-Dade e Broward.

<sup>2</sup> TEIXEIRA, Leônia. “Escrita Autobiográfica e Construção Subjetiva”. *Psicologia. USP*. 2003, vol.14, no.1. p. 13.

*estava passando. Não que achasse que ia ser fácil, mas se tivesse meus amigos e minha família aqui ia facilitar. Dia 15 de junho, vai fazer três anos que estou na Flórida e ainda não fui para o Brasil.*

Uma das conseqüências da saudade é a depressão, efeito subjetivo pouco estudado na imigração. Em função da dificuldade em reverter uma escolha pessoal que não corresponde ao que era esperado, muitos imigrantes tornam-se depressivos. Esse foi o caso de Tarley, que não estando com o visto regularizado, não podia visitar seus parentes no Mato Grosso:

*Nunca voltei, estou sem ver minha família há quatro anos. Talvez venha uma irmã minha agora em dezembro, mas não sei se conseguiu visto. Nossa, sinto muita saudade! Falo só por telefone com eles, meu pai já está de idade, na cama, minha mãe também, é difícil. Valeu a pena vir, só que a gente sofre muito. Fiquei com depressão, uma coisa que nunca esperava ter.*

De tão comum entre os imigrantes, a depressão também acometeu Piedade em seus primeiros tempos nos Estados Unidos. Ela não suportava a solidão e o clima frio do norte:

*Em junho, o sol estava frio, a gente ia para a praia de cascalho, botava só o dedo na água e frio, frio, frio. Aí entrei em depressão, fiquei doente, chorava o tempo todo.*

A depressão aparece, portanto, como um sintoma dos efeitos nocivos do processo migratório provocados pela solidão, pelo stress e pela insegurança quanto ao futuro. Nesse sentido, vale ressaltar que as emoções resultantes da escolha pelo exterior nem sempre são positivas, já que há uma contradição entre os sentimentos decorrentes da busca de um objetivo ou um sonho e aqueles que advêm das frustrações.

Para tornar as coisas mais complicadas, há a adaptação difícil aos costumes americanos que contribui para a saudade dos primeiros tempos. Orlando, para quem o início da vida na Flórida não foi fácil, relata a dificuldade do início nos Estados Unidos:

*Senti muita falta do Brasil no começo, falta da cultura, da família, da minha irmã que sempre me ajudou. Sentia saudade da comida e por meses a minha barriga fazia barulhos porque não achava as coisas certas para comer. Também, morando no Alabama... Imagine!*

Entretanto, o sofrimento dos primeiros tempos e a saudade não são os únicos motivos para a depressão. Outras razões menos evidentes contribuem para isso, tais como a decepção do brasileiro com os Estados Unidos. Nem sempre as expectativas geradas correspondem à imagem da América que compõe sua memória. Andréa, que viveu um difícil começo nos Estados Unidos, esperava mais facilidade:

*Eu imaginava os Estados Unidos como um país capitalista. Sabia que não ia ser fácil, mas foi mais difícil do que pensava. O pior não foi nem no sentido do trabalho, mas da possibilidade de me legalizar. Em matéria de trabalho a gente teve mais sorte, enfrentamos barreiras e tudo, mas foi mais aceitável. Isso tudo me magoou muito.*

As histórias de sucesso de imigrantes nos Estados Unidos e a imagem de país de oportunidades para todos também são responsáveis por decepções que se repetem em várias histórias. Duno, morador de Pompano Beach, esperava sucesso profissional na Flórida e se decepcionou:

*Cheguei na Flórida imaginando o sucesso. Você sai do Brasil vendo tanta gente que chega de fora e fica famoso... Eu já era importante lá, um grande joalheiro, mas queria ser famoso, vir para cá e ver um programa de televisão dizendo: "olha, chegou um novo artista aqui, um cara que surgiu do nada", o que nunca aconteceu. Via uma imagem de muita oportunidade. O grande erro foi que vim para um lugar onde não se produz nada, a pior mão-de-obra de jóias do mundo é a americana. Qualifico a brasileira como uma das melhores, a italiana primeiro, depois a alemã e a francesa. Vim para cá para tentar aprender alguma coisa, mas só ensinei aos outros, ninguém sabe 10% do que sei.*

Como se não bastassem o turbilhão de emoções e as expectativas que acometem o imigrante por causa da mudança de vida, há também os confusos sentimentos ligados aos conterrâneos no exterior. São notáveis, entre os brasileiros no Sul da Flórida, as queixas da falta de união entre os patricios. Histórias de golpes e decepções fazem parte dos relatos. Ao mesmo tempo em que se declaram desapontados com “sua própria raça”, guardam uma memória coletiva positiva do povo brasileiro definindo-o como caloroso, feliz e amigo, em contraponto ao americano que seria frio e fechado. A solidão e a tristeza que caracterizam os momentos difíceis passam a ser explicadas pelo comportamento dos brasileiros quando em terras estrangeiras e pelo imaginário acerca da frieza dos americanos. Infelicidade, decepção e fracasso costumam ser atribuídos a fatores objetivos, raramente a um possível equívoco na escolha pessoal feita em favor do exterior.

Legitimando a escolha subjetiva e fugindo da culpa por deixar o país, o imigrante cria um Brasil idílico imaginário e atribui a saída do Brasil a problemas sócio-econômicos sobre os quais julga não ter responsabilidade. Assim, nas histórias de vida ouvidas, nosso país aparece como um país lindo e livre de desastres naturais, mas rico em políticos irresponsáveis e corruptos.

Evocando este sentimento ambíguo em relação ao Brasil, três entrevistados, não por coincidência, lembraram a famosa frase dita por Tom Jobim que sintetizaria o Brasil na memória coletiva da imigração: “Os Estados Unidos é uma merda, mas é bom. O Brasil é bom, mas é uma merda!”<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Frase atribuída a Tom Jobim e teria sido dita em entrevista a Tarso de Castro para o programa Noventa Minutos da TV Bandeirantes em 1979, quando morava nos Estados Unidos.

Traduzindo tal imaginário, Francisca, que trabalha como entregadora de Pizza em Miami Beach, menciona os problemas sócio-econômicos do Brasil, ressaltando que, apesar de tudo, seria um país maravilhoso pela alegria de seu povo e por suas belezas naturais:

*O Brasil? Nossa! É maravilhoso. O que tem que mudar é a pobreza, a falta de dinheiro, essa desigualdade social que é muito grande... Acredito que vá demorar muito para acontecer isso, mas a alegria do povo, a beleza natural, tudo isso me encanta.*

Tal idéia de Brasil rico em belezas naturais e povo acolhedor é recorrente na maior parte das narrativas. Em relação às representações sobre Brasil e Estados Unidos, os relatos dos imigrantes brasileiros apresentam repetições de termos opostos como calor/frio, belo/feio, rico/pobre e oportunidade/desigualdade. A atuação política do governo e a falta de cidadania são normalmente contrapostas às virtudes da natureza. Tais binômios são parte de uma forte memória coletiva da imigração que é refletida pesadamente nas lembranças individuais e expressa por meio de narrativas.

É significativa a recorrência desse tipo de imagem ambígua a respeito do Brasil (belezas naturais e povo caloroso X problemas político-econômicos) na memória dos entrevistados do projeto já que todas as 40 entrevistas recorreram às mesmas referências. Isto parece apontar para o fato de que os sentimentos negativos atrelados à nossa imigração no Sul da Flórida estejam ligados ao elemento humano brasileiro.

As qualidades positivas do Brasil se dariam, portanto, no plano do natural, não no plano social e cultural. Soa como se o brasileiro tivesse propensão biológica a ser alegre. Vitor demonstra isso confirmando avaliações de outros entrevistados:

*Nossa, para se relacionar aqui é difficilimo! No Brasil é muito mais fácil, para começar, as pessoas são mais amigáveis. Você entra em um bar, uma discoteca, fala: “oi, tudo bem, prazer”, a pessoa sorri para você e conversa, o povo brasileiro é mais acolhedor, e aqui não.*

Tal imagem positiva do Brasil relacionada à alegria do povo e aos aspectos naturais do país emerge como uma forma de redimir um certo sentimento de culpa por imigrar. É mais fácil explicar a razão por emigrar por meio das justificativas político-econômicas (a falta de dinheiro, a violência, os políticos, a pobreza) que são legitimadas socialmente e sustentadas pela memória coletiva da imigração (mas não menos importantes para como razão para sair do Brasil), do que recorrendo às razões pessoais que porventura tenham contribuído para o projeto de ir para o exterior.

A esse respeito, José Murilo de Carvalho analisa o imaginário do brasileiro sobre o Brasil<sup>4</sup> argumentando que há uma predominância do elemento edênico em detrimento do elemento humano na idéia que os brasileiros fazem de seu próprio país, ou seja, enxergamos o Brasil de maneira positiva apenas pelos motivos ligados à natureza, mas vemos negativamente nosso povo e nossas instituições políticas: “o motivo edênico habita a imaginação nacional desde os primórdios da presença européia. A visão do país como natureza cristalizou-se...”<sup>5</sup> A partir de tal afirmação, o autor constrói uma explicação baseada em atitudes de figuras históricas, como Afonso Celso, que preconizava o orgulho nacional sustentado na natureza e mostra que pesquisas atuais de opinião pública reforçam a mesma tendência.

Os dados analisados no texto de Carvalho indicam que os brasileiros têm orgulho do Brasil pelas belezas de sua terra, mas tendem a se envergonhar do país em virtude de seu povo: “o predomínio edênico não teria a ver com a ausência de outras razões de orgulho. A ausência mais óbvia, porque também parte de nosso imaginário, seria a da inadequação do elemento humano que habita o país”<sup>6</sup> Na pesquisa citada pelo autor, os brasileiros afirmam ver seu povo como “sofredor conformado e alegre”<sup>7</sup> o que denota uma auto-imagem de que não somos os agentes políticos responsáveis por nossa própria história. “Tal auto-imagem contribui para a existência e a persistência do motivo edênico. Quem não se vê como civil e cívico não se pode ver como agente, individual ou coletivo, de mudanças sociais e políticas de que se possa orgulhar e deve buscar alhures razões para a construção de uma identidade nacional”<sup>8</sup>. É o que vemos nos relatos dos imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. Há um transporte desse imaginário calcado no Brasil para a identidade do imigrante.

Por outro lado, o texto constata que o brasileiro percebe muito bem os problemas de seu país quando tem que enumerar os motivos de vergonha de ser brasileiro. As questões sociais e de segurança, bem como as instituições políticas, são mencionadas com ênfase nas pesquisas de opinião sobre vergonha de ser brasileiro analisadas por Carvalho, então ao povo do Brasil “só lhe restam as belezas naturais”<sup>9</sup>. Interessante constatar que tal imaginário edênico permanece e é reforçado quando o brasileiro está fora do Brasil. Nossos imigrantes não se vêem como responsáveis pelos problemas de seu país, delegando para outrem as desgraças que os acometem e a culpa por terem deixado sua terra e vêem como aspectos positivos aqueles ligados à natureza e

---

<sup>4</sup> CARVALHO, José Murilo, “O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro”. *Rev. Brasileira de Ciência Sociais*. Vol. 13, n. 38, São Paulo, out/1998.

<sup>5</sup> *Idem*. p. 1.

<sup>6</sup> *Ibidem*. p. 12.

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> *Ibidem*. p. 16.

<sup>9</sup> *Ibidem*. p. 19.

alegria do povo.

Em relação aos Estados Unidos nutre-se uma memória que evoca frieza. Roberto da Matta<sup>10</sup> “contrasta a cultura brasileira com a norte-americana, onde a noção de indivíduo impessoal seria a base dos direitos da cidadania, do mérito e da classificação. Na cultura brasileira, o que vale é a idéia de que se tem da pessoa, do seu lugar, dos seus deveres e direitos num mundo relacional e personalizado. A nação brasileira se vê como uma casa, onde todos são próximos, todos são solidários mas onde há uma hierarquia. A casa que existe no imaginário brasileiro como representação da nação, nasceu da idéia da casa grande do período colonial onde o senhor era patrão e pai, onde filhos eram senhores e agregados, onde escravos eram escravos e nem por isso, deixavam de ter intimidade e afetividade. Assim a cordialidade e a proximidade afetiva convivem com a distância social”. Tal imaginário de cultura brasileira calorosa é oposto constantemente à cultura americana que seria fria e individualista.

Os sentimentos positivos e negativos em relação ao Brasil fornecem ao imigrante brasileiro as justificativas político-econômicas necessárias para sua estadia no Sul da Flórida colocando no segundo plano as difíceis explicações íntimas. Ao mesmo tempo em que constroem uma narrativa baseada nos elementos de ordem coletiva, expressam apenas, nas entrelinhas, os sentimentos e fatores subjetivos que influenciam suas decisões em relação aos dois países. Esse mecanismo pode ser revelado com a análise detalhada das narrativas de vida ouvidas no projeto.

Para compensar a decepção com os Estados Unidos e a impressão de que o Brasil é culpado pela saída de seus filhos, os sentimentos positivos em relação à imigração associam-se à realização pessoal e denotam um ganho em experiência pessoal e satisfação pela realização de objetivos no exterior. Nos relatos, a subjetividade aparece como justificativa do sucesso. Pode-se confirmar tal avaliação pelo exemplo de Clara, cuja narrativa associa os sentimentos positivos sobre a imigração ao ganho em experiência pessoal:

*Foi a minha experiência, minha vida, hoje sou uma pessoa muito feliz, faço o que quero e estou com quem quero sem nenhum, nem motivo financeiro, nem nada, sabe?*

A experiência de vida adquirida no exterior também é freqüentemente evocada, como no caso de Marcelle que teve que reconstruir a vida mais de uma vez nos Estados Unidos:

*Acho que foi melhor ter vindo, tudo é um crescimento na vida da gente, tudo o que a gente passa, até pelo fato de não ter expectativa no Brasil e aqui a gente já teve tantas...*

---

<sup>10</sup> MACHADO, Lia. “Cultura Brasileira: Raízes e Atualidades”. Palestra comemorativa do 30º aniversário da fundação do DELB. Disponível em <http://www.kufs.ac.jp/Brazil/delb/6-7.htm>. Acesso em 24 de novembro de 2007.

As emoções positivas também aparecem no momento da regularização por meio do *Greencard* ou de outro tipo de visto porque a posse de documentos americanos representa um rito de passagem em relação à avaliação da experiência migratória. Um “antes”, caracterizado por dificuldades impostas de fora, é substituído por um “depois”, promissor de felicidade e redenção. No caso de Roberto, a sensação de alívio e realização aconteceu no momento da entrevista final:

*A melhor coisa que o oficial da Imigração falou foi que a partir da meia-noite daquele dia eu era livre para entrar e sair daqui a hora que quisesse. Era o que eu queria!*

Vemos, pois, que os sentimentos que envolvem a imigração traduzem os ajustes psicológicos aos contextos do país de destino flexibilizando argumento político-econômicos que se traduzem em imagens de oposição entre Brasil e Estados Unidos. As emoções exprimem as construções dos sujeitos em termos da avaliação de suas escolhas. Emoções boas geralmente estão relacionadas aos sucessos individuais, enquanto aquelas negativas são atribuídas aos problemas coletivos. A culpa por deixar o Brasil explicaria tal mecanismo.

Em conclusão, afirmaríamos que a subjetividade seria evocada para validar o sucesso pessoal da empreitada no exterior enquanto os elementos político-econômicos explicariam os fracassos - que não seriam individuais, mas de ordem coletiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, José Claudio e RIBEIRO, Lucia. “Migração, Religião e Transnacionalismo: o Caso dos Brasileiros no Sul da Flórida”. *Religião e Sociedade*. Vol. 22, n. 2, dez/2002.
- CARVALHO, José Murilo, “O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro”. *Rev. Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 13, n. 38, São Paulo, out/1998.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. “Considerações sobre o Método”. In: *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- KOTRE, John. *Luvras Brancas*. São Paulo: Mandarin, 1997.
- MAGALHÃES, Valéria B. *O Brasil no Sul da Flórida: Subjetividade, Identidade e Memória*. São Paulo: Departamento de História Social da Universidade de São Paulo, 2006. (Tese de Doutorado).
- \_\_\_\_\_. “Projetos Migratórios: Histórias de Brasileiros no Sul da Flórida”. In: COGGIOLA, Oswaldo. (Org.). *Os Caminhos da História*. São Paulo: Xamã, 2007.
- MARGOLIS, Maxine. *Little Brasil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus, 1994.
- MEIHY, José. *Brasil Fora de Si*. São Paulo: Parábola, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Manual de história oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005
- RESENDE, Rosana. "Brasileiros no Sul da Flórida: Relatos de uma Pesquisa em Andamento" IN: MARTES, Ana C. e FLEISCHER, Soraya (orgs.). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- SALES, Teresa. *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- TEIXEIRA, Leônia. “Escrita Autobiográfica e Construção Subjetiva”. *Psicologia USP*. 2003, vol.14, no.1. p. 13.